

No início do século XX apesar das teorias e práticas liberais defenderem a igualdade entre os indivíduos, as mulheres ainda se viam sem acesso à cidadania, seu papel era o de complementar as funções de seu marido. Essa diferença entre sexos era revigorada pela medicina, pela biologia e até mesmo pelo sistema jurídico. Contudo, apesar das dificuldades impostas à mulher por essa nova sociedade que se pretendia moderna, a vontade de se construir uma nova imagem do Brasil, de um país progressista e moderno, fez crescer as discussões acerca da educação no Brasil. Dessa forma o magistério pode ser considerado uma brecha, assim como o desenvolvimento urbano e a maior ocupação feminina nos espaços públicos após a Primeira Guerra (1914-1917), para abertura de novas profissões às mulheres, entre as quais podemos citar a de telefonista, secretária e enfermeira.

A modernidade no Brasil, inspirada nos moldes europeus, significava avanço e progresso, afetou principalmente as duas maiores capitais nacionais: Rio de Janeiro e São Paulo, cidades onde viviam respectivamente, Georgina de Albuquerque e Anita Malfatti. Nesse momento as duas cidades viviam em constante disputa por uma hegemonia política e cultural.

Após o segundo quartel do século XIX, São Paulo irá investir no aprimoramento artístico-cultural da cidade. Em 1892 é criado o Pensionato Artístico de São Paulo - que aceitava como alunos apenas paulistas natos. Por causa da rivalidade entre as duas cidades e pelo fato de os paulistas julgarem São Paulo estar à frente do Rio de Janeiro, seus jovens talentos não iam estudar na Escola Nacional de Belas Artes, no Rio, eles eram mandados diretamente para a Europa, pois nenhuma instituição brasileira poderia servir de base para um jovem artista paulista, segundo os preceitos estabelecidos naquele programa de incentivo e formação artística.

No Rio de Janeiro havia duas grandes instituições à escolha dos jovens que pretendiam exercer a carreira de artista, a Escola Nacional de Belas Artes e o Liceu de Artes e Ofícios. A competitividade entre as duas instituições, pela preferência do público, foi uma questão importante em termos de criação de oportunidades, principalmente para as mulheres. A Escola percebia que estava perdendo espaço para o Liceu de Artes e Ofícios por conta do difícil acesso ao ensino oficial e das regras rígidas e tradicionais.

Dessa forma podemos perceber que o ensino das artes no Brasil teve diferentes concepções, diferenças essas que se fizeram presentes na formação das artistas Anita Malfatti e Georgina de Albuquerque.

As mulheres pintoras brasileiras foram constantemente desestimuladas a continuarem suas carreiras de inúmeras formas. Somente a partir da transformação da Academia Imperial de Belas Artes em Escola Nacional de Belas Artes (1890), após a proclamação da República, é que se tornou possível, mas não garantido, o ingresso de mulheres na escola, que continuavam a buscar formação em ateliês particulares. As pintoras também eram vistas como amadoras e produtoras de uma arte feminina, recebiam prêmios de consolação ao invés de medalhas. Além desses, outros motivos como gravidez e dedicação ao lar, promoveram carreiras interrompidas.

Nesse contexto encontram-se duas pintoras que resistiram a esses empecilhos e conseguiram fazer da pintura sua profissão.

Georgina de Moura Andrade nasceu no dia 04 de fevereiro de 1885, em Taubaté, no estado de São Paulo. Taubaté, cidade de tradicional riqueza (da mineração às fazendas de café) e pólo de desenvolvimento da região, recebia grande número e diversidade de pessoas por causa da linha férrea Rio de Janeiro - São Paulo que cortava a cidade, e onde, alguns artistas aproveitavam para registrar paisagens e personagens do interior.

Os primeiros estudos artísticos de Georgina foram em aulas particulares com o pintor italiano radicado em São Paulo Rosalbino Santoro. Ainda jovem muda-se para o Rio de Janeiro e matricula-se na Escola Nacional de Belas Artes. Lá conhece seu futuro marido, o também pintor, Lucílio de Albuquerque. Em 1906, Lucílio recebe o prêmio de viagem ao exterior, oferecidos aos alunos regularmente inscritos na ENBA, Georgina o acompanha. Lá a artista estuda na *Academie Julian* e na *École Nationale Supérieure des Beaux-Arts*. A academia proporcionou à artista um aprendizado aprimorado, ao incentivar os estudos com modelos vivos e de nus, o que permitiu que ela se dedicasse a gêneros diversos até mesmo ao gênero histórico (considerado como o mais importante gênero da pintura, situado no mais alto grau da hierarquia, acima dos retratos, paisagens e naturezas-mortas) como se aventurou com a tela *Sessão do Conselho de Estado* (1922)

Figura 1 - *Sessão do conselho de Estado, 1922*, óleo sobre tela, acervo Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro.

De volta ao Brasil em 1911 o casal instala-se em ateliê no Rio de Janeiro. Entre 1912 e 1914 Georgina recebe medalhas de ouro e prata nos Salões Nacionais, participa de várias exposições internacionais e de todas volta para casa com medalha. Em 1920 torna-se a primeira mulher a participar de um júri acadêmico. Apesar de, segundo critérios vigentes na época, as obras de Georgina não serem consideradas da melhor

qualidade pelos acadêmicos, por causa de seus traços impressionistas, Georgina foi e ainda é considerada uma pintora acadêmica por sua carreira junto à instituição.

A ex-aluna, casada com um pintor reconhecido pela academia, alcançou cargos importantes: foi livre-docente, depois atuou como catedrática-interina e como titular da cátedra de Desenho, conquistas difíceis.

Em 1952, tornou-se diretora da Escola, tendo sido a primeira mulher a ocupar tal cargo.

Falece aos 77 anos, em 1962, no Rio de Janeiro.

Anita Catarina Malfatti nasceu em São Paulo, no dia 02 de dezembro de 1889. Filha de imigrantes, Anita nasceu com problemas de má formação de mão e braço direitos, problema com o qual teve de aprender a conviver e assim o fez muito bem, já que toda a sua produção artística foi realizada com a mão esquerda. Jovem começa seus estudos artísticos com sua mãe Bety Malfatti. Após a morte de seu pai e de seu avô quem assume as responsabilidades da família de Anita é seu tio e padrinho Jorge Krug, grande apreciador e colecionador das artes, teve importância significativa na formação de sua sobrinha, ao patrocinar sua primeira viagem de estudos na Alemanha, mais especificamente em Berlim, onde irá receber sua principal influência: o expressionismo. Posteriormente estudará também em Nova Iorque e Paris. Entre as viagens ao exterior, Anita volta ao Brasil e expõe suas obras e estudos para um público paulistano tão conservador que não aceita nem compreende ainda a arte moderna.

Sem mercado para sua arte, e já sem a proteção de seus familiares já mortos, e sem bolsa, Anita com dificuldades financeiras decide então voltar-se ao ensino.

Anita viverá até sua morte – em 06 de novembro de 1964 – da arte, expondo sempre, ensinando, ou até mesmo assumindo cargos em instituição ligada ao meio artístico.

Essa breve história da formação das duas artistas permite perceber suas principais influências. Georgina, com viés impressionista, e Anita, particularmente expressionista, foram figuras importantes do Movimento Modernista brasileiro, assim como na trajetória e conquistas femininas, em uma sociedade onde as mulheres encontravam-se em posição de buscas e conquistas sociais.

Apesar da posição preterida da mulher, essas duas pintoras irão inovar e romper com padrões aceitos na época. Georgina ousou ser a primeira mulher a pintar uma tela com tema histórico, tema antes próprio apenas a homens, e a utilizar da técnica impressionista, até então não reconhecida pela Academia. Anita é ainda mais ousada, por romper definitivamente com os padrões da época apropriando-se de técnicas expressionistas aliadas a temas inovadores.

Atitudes essas sempre acompanhadas de críticas severas, que irão influenciar em suas trajetórias, mas não desestimulá-las a ponto de desistirem da pintura. Georgina lutou por maiores espaços para as mulheres inclusive ao conseguir o cargo de diretora da Escola Nacional de Belas Artes (1952-1954).

Também é possível perceber que as trajetórias de vida e carreira das duas artistas foram bastante distintas, a começar pela localização. Anita nasce em São Paulo, uma cidade com pouco incentivo e recurso artístico, praticamente sem museus ou galerias de arte. Já Georgina, nascida também no estado de São Paulo teve a oportunidade de, em 1904, mudar-se para o Rio de Janeiro, pólo artístico e cultural da época, e estudar na Escola Nacional de Belas Artes, o que fez com que Georgina se aproximasse mais que Anita, dos ensinamentos ditos acadêmicos.

Anita pôde desfrutar de aprendizados, tanto na Alemanha, quanto nos Estados Unidos, muito diferentes daqueles estudados no Brasil ou mesmo na França – na época centro mundial das artes e destino da maioria dos artistas brasileiros que buscavam uma melhor formação artística – como foi o caso de Georgina. A formação e os estudos, que cada uma teve a chance de aproveitar, fizeram com que Anita fosse reconhecida como expressionista e Georgina como impressionista.

Pelos valores morais vigentes na época e as pressões sociais exercidas sobre as mulheres, o fato de Georgina ter se casado com um pintor, considerado acadêmico, proporcionou a ela facilidades no caminho em busca de sua profissão de artista.

As questões apontadas tornam possível perceber algumas das dificuldades enfrentadas pelas mulheres, de uma sociedade conservadora, para conseguir tornarem-se artistas, pintoras neste caso, profissionalmente.

Foi apresentado a vida de duas mulheres que reagiram à mecanismos de dominação social (com a função de indicar o lugar da mulher na sociedade), conseguiram seguir carreira e tirar dela seu principal sustento. Para isso enfrentaram muitos obstáculos como a dificuldade de ingresso nos ensinamentos superiores formais (detentores dos melhores professores, quem controlava as exposições e os prêmios), os preconceitos da sociedade e da família e, até mesmo, de discursos científicos que afirmavam a desigualdade entre sexos.

É possível apontar também a discreta ousadia da pintora acadêmica Georgina de Albuquerque, o que lhe permitiu pintar uma tela com tema histórico, algo inconcebível às mulheres da época. Assim como as inquietudes de Anita, uma pintora que usou a arte para expressar principalmente seu sentimento de desajuste, seja em decorrência da atrofia em sua mão direita, seja pela condição de estrangeira, de mulher pintora ou de modernista. Essas situações não foram facilmente enfrentadas, pelo contrário, Anita vivenciou situações que acabaram por resultar em suas inquietantes obras.

Dessa forma, é importante considerar a vida de pintoras brasileiras de um período onde as mulheres eram excluídas do campo artístico, e principalmente dos dados oficiais e da historiografia, como também é

relevante estudar a vida de uma pintora, Georgina de Albuquerque, acadêmica, haja vista a pintura acadêmica ter sido desvalorizada após o modernismo como se nada que existisse antes dele fosse suficientemente bom.

Assim, é possível relacionar movimentos artísticos diferentes que fizeram parte de uma mesma época, assim como as artistas, que foram tão diferentes em suas trajetórias e ao mesmo tempo parecidas na busca pela profissão, na busca por espaço e reconhecimento da mulher no campo das artes e na sociedade.

Contudo fica ainda a sensação de que ainda há muito a ser feito, que ainda existem muitas lacunas na historiografia da arte brasileira, principalmente no que diz respeito às artistas acadêmicas, ainda mais esquecidas que as modernistas, todas fundamentais para a compreensão (da história) do universo artístico brasileiro.

REFERÊNCIAS:

BATISTA, Marta Rossetti. *Anita Malfatti no tempo e no espaço: biografia e estudo da obra*. São Paulo: Edusp, 2006.

MUNHOZ, Fabiana G. M. *A Presença Ausente de Anita Malfatti na Arte Moderna Brasileira*. Monografia para especialização em História Social e Ensino de História/Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2005.

PEDRÃO, Maria Augusta R. *Georgina de Albuquerque e Anita Malfatti: representações da mulher na Primeira República*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2009, 45fls.

SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. *Profissão artista: pintoras e escultoras acadêmicas brasileiras*. São Paulo, Edusp, 2008.

SIMIONI, Ana Paula C. *Entre convenções e discretas ousadias: Georgina de Albuquerque e a pintura histórica feminina no Brasil*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v.17, n.50, out. 2002, p.143-159. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010269092002000300009&lng=en&nrm=iso

Acesso em 02 out. 2009.

Maria Augusta Ribeiro Pedrão é pós-graduada em História pela Universidade Estadual de Londrina.